

## Índice

Helge	11
Syvert	19
Evguéni	411
Vasilisa	427
Alevtina	431
Os Lobos da Eternidade. Vasilisa Baranov	619
Syvert	651
Evguéni	695
Vasilisa	703
Alevtina	711
Syvert	735



*E Deus limpará dos seus olhos toda a lágrima;  
e não haverá mais morte,  
nem pranto, nem clamor, nem dor;  
porque já as primeiras coisas são passadas.*



Helge



Acabei de ouvir o álbum *Rockin' all over the world*, dos Status Quo. Ainda estou a tremer de emoção. Aquando do seu lançamento, ouvi-o sem parar. Isso em 1977, tinha eu doze anos. Desde então, nunca mais ouvi nenhuma das faixas. Quer dizer, até agora: estava sentado ao computador com um tédio de morte e pus-me a pensar numa coisa, que por sua vez me levou a pensar noutra coisa, e por aí adiante, até que, de repente, uma banda me lembrou de outra banda que me lembrou de outra banda. Bastou-me ver a capa do álbum para todo eu fremir de excitação. Uma imagem do planeta Terra a brilhar no espaço sideral com o nome da banda escrito, no alto, numa letra do género «elétrica» e o título do disco impresso, por baixo, em letra de computador — uau! Mas só me exaltei de verdade quando pus o álbum a tocar. Não demorei muito a perceber que ainda me lembrava de todas as canções: foi como se as melodias e os acordes saíssem do seu esconderijo no meu subconsciente para se reencontrarem no ponto de partida. Para se reencontrarem por fim com as suas origens, com os seus pais, com aquelas canções antigas dos Status Quo. Mas não foi só isso. Trouxeram com eles uma torrente de recordações, uma enorme quantidade de sabores, cheiros, imagens, acontecimentos, estados de espírito, ambientes — *you name it*. As minhas emoções não conseguiram lidar com tanta informação ao mesmo tempo, e não fiz mais do que estremecer durante os três quartos de hora de duração do álbum.

Tinha-o em cassete — na altura, não conhecia ninguém com giradiscos, exceto a minha irmã, que só ouvia música clássica e jazz —, e estava sempre a ouvi-la no leitor de cassetes preto que me tinham dado no Natal do ano anterior. Funcionava a pilhas e levava-o comigo para quase todo o lado. Também cantava constantemente a acompanhar as faixas do álbum.

*You donou me, don hang around  
You donou me nomore*

Que maravilha voltar a ouvir o álbum!  
Ah, e esta canção!

*Tutututake us alone men a ment to tain going you where  
De du du de du du!*

Status Quo, Slade, Mud, Gary Glitter: eram essas as bandas que ouvíamos, e quem era um pouco mais velho ouvia também Rory Gallagher, Thin Lizzy, Queen e Rainbow. Depois, os gostos mudaram muito, pelo menos os meus, e de repente dei por mim a ouvir Sham 69, The Clash, The Police, The Specials; o resto já não me satisfazia. Mas continuei a ouvir esporadicamente todas estas bandas. Não aconteceu o mesmo com os Status Quo. Foi por isso que senti como que uma explosão dentro de mim. Foi por isso que chorei quando ouvi este refrão:

*An ai laik it ai laik it ai laik it ai laik it ai la la la laik it la  
la la laik it  
her we go-o:  
rockin' all over the world*

Não é que tivessem acontecido muitas coisas em 1977, pelo menos na minha vida; era mais a sensação de que *estava* a acontecer algo, e sobretudo de que *existia* alguma coisa.

De que eu existia. E de que eu estava *ali*.

Estava, por exemplo, no meu quarto.

Hmm, o cheiro do aquecedor elétrico.

A música a tocar no leitor de cassetes.

Não muito alto, porque o meu pai estava em casa, mas alto o suficiente para que as emoções se apoderassem de mim.

A neve lá fora. O seu cheiro quando molhada, quando era quase tão chuva quanto neve.

*An ai laik it ai laik it ai laik it ai laik it ai la la la laik it la la la  
laik it*

A Hilde abre a porta.

— Está uma rapariga lá fora. Conhece-la?

Fui até à janela da sala de estar. Era verdade, uma rapariga andava de um lado para o outro junto à nossa cerca. A dado momento, parou

na estrada e olhou para a casa. Não tinha como me ver ali dentro, mas retraí-me. E depois recomeçou a caminhar por entre os arbustos, sempre junto à cerca.

— Sabes quem é? — perguntou a Hilde.

— Sim — respondi. — É a Trude. É do meu ano, mas anda noutra turma.

— E o que é que ela está aqui a fazer?

Encolhi os ombros.

— Parece que anda atrás de mim.

— Ah! — disse a Hilde. — Só tens doze anos.

— Já tive muitas namoradas — respondi.

— Deste-lhes beijinhos na cara, foi?

— Já lhes dei uns apalpões.

— Então vai lá ter com ela.

Abanei a cabeça.

— Porque não? Andas com outra?

— Ela é um bocadinho especial.

— Não é boa da cabeça?

— Não, não é isso. Só é diferente.

— Soa-me bem.

— Isso é porque também és especial — disse eu, e vi que as minhas palavras a deixavam radiante. E acrescentei: — Não bates bem da cabeça.

Então, tocaram a campainha.

— É a Trude — disse a Hilde. — Não lhe vais abrir a porta?

— Podes fazer-me um favor e dizer que não estou em casa?

— O que é que eu ganho com isso?

— Alguma coisa.

— Metade das tuas guloseimas no sábado.

— Ok.

Deixei-me ficar nas escadas e ouvi a Hilde dizer que eu não estava em casa e que não sabia onde eu andava. E depois vi a Trude voltar para casa pelo meio da neve.

Não tenho a certeza de que isto tenha acontecido exatamente assim. Lembro-me de a ver e lembro-me de ter dado muitas das minhas guloseimas à Hilde por ela ter mentido. Mas aquilo de que me lembro melhor é da neve, da sensação de neve, do ambiente. Também me lembro do nevoeiro. A paisagem estava coberta por uma neve branca e húmida e por um nevoeiro cinzento. E lembro-me do *Rockin' all over the world*.

Há alguma recordação que *não* seja afirmativa?

É claro que não, porque a pessoa que pensa é constituída por recordações apenas afirmativas, são essas afirmações que fazem da pessoa o que ela é.

Mas uma das minhas recordações destaca-se um pouco das outras. Uma recordação que não tem qualquer ligação a nenhuma outra. Foi uma coisa que eu vi. Naquele inverno, algumas semanas antes do Natal de 1977. Mas recordo-a sem a ajuda da música. É uma recordação que brilha dentro de mim sem que a consiga apreender por completo.

A nossa casa situava-se à face da estrada. De um dos lados da estrada, a floresta seguia o declive até um braço de mar; do outro lado ficava a urbanização. Quem seguisse a estrada até ao cruzamento e virasse à direita, chegava a uma ponte baixa que cruzava o braço de mar. Junto à ponte havia alguns atracadouros, e mais adiante ficava o estreito.

Uma noite, desci a estrada sozinho. Estava escuro e enevoadado, a neve na estrada derreteria em parte durante o dia e o asfalto estava cheio de lodo. Não sei aonde ia ou onde tinha estado, esqueci tudo isso. Talvez fosse aos atracadouros para ver se estava lá alguém, costumávamos encontrar-nos lá. Seja como for: estava escuro, enevoadado, a estrada enlameada. O meu casaco impermeável brilhava à luz dos candeeiros públicos. Atravessei a ponte. A água estava preta e fria.

Mas o que era aquilo?

Alguma coisa brilhava lá em baixo.

Alguma coisa estava a brilhar bem lá em baixo, na água preta.

Demorei alguns segundos a perceber o que era.

Era um carro.

Só então reparei que uma das pedras que delimitava a estrada tinha desaparecido e que havia marcas de pneus na berma de terra batida.

O carro devia ter caído havia pouco tempo, porque os faróis ainda estavam acesos.

Dei meia-volta e corri pela estrada acima. Tinha de encontrar um telefone e chamar uma ambulância. Mas quando me aproximei das casas já não tinha tanta certeza do que tinha visto. Talvez não fosse um carro. Podia ser outra coisa qualquer. Corria o risco de dar início a uma operação de grande envergadura por nada. E, nesse caso, o que diria o meu pai?

Entrei em casa, descalcei-me e despi o casaco. O meu pai espreitou de dentro do escritório quando me ouviu chegar.

— Onde é que andavas metido?

— Fui à loja nova — respondi.

— A comida está na mesa — disse ele. — E a seguir vais direitinho para a cama.

— Ok.

Fiz o que ele me mandou. Comi as fatias de pão que ele tinha barrado com manteiga e depois deitei-me. Continuei por muito tempo acordado na escuridão a pensar nas luzes debaixo de água. No carro submerso com os faróis acesos.

No dia seguinte, apareceram lá em baixo uma ambulância, um carro da polícia e uma grua. No dia a seguir a esse, saiu tudo na primeira página do jornal. Todos falavam sobre aquilo. Todos menos eu. Trinta e cinco anos depois, ainda não contei a ninguém o que vi ou fiz naquela noite. Porque sei que o podia ter salvado se tivesse agido corretamente. Mas não agi corretamente, e ele morreu. Ninguém precisa de saber disso. A recordação é minha, apenas minha, e a menos que aconteça algum imprevisto, vou levá-la comigo para a sepultura.